

# Medicalização e Produção de Subjetividade: O TDAH como Analisador da Sociedade Contemporânea

*Medicalization and Subjectivity production: ADHD as Analyzer Contemporary Society*

**Paula de Melo Ribeiro**

## Resumo

O presente artigo pretende problematizar a proliferação do diagnóstico de TDAH (Transtorno com Déficit de Atenção/Hiperatividade) na atualidade, bem como, o conseqüente processo de medicalização o qual credita a fatores meramente biológicos aspectos provenientes da vida em sociedade. Partimos da hipótese segundo a qual a citada categoria nosológica poderia ser utilizada como um analisador da sociedade contemporânea e assim sendo permitiria apontar para linhas de constituição das subjetividades contemporâneas. Dessa forma, empregando autores como Michel Foucault, Gilles Deleuze, Felix Guattari e Peter Pál Pelbert, almejamos mostrar como o contexto marcado pela biopolítica tornou-se condição de possibilidade para o surgimento de nossa questão.

## Palavras-chave

TDAH, medicalização, biopolítica

## Abstract

*This article aims to discuss the proliferation of diagnosis of ADHD (Attention Deficit / Hyperactivity Disorder) today, as well as the consequent process of medicalization, which credits to purely biological, society's life aspects. We start from the assumption that the aforementioned category nosological could be used as an analyzer of contemporary society and thus would point to the creation of contemporary subjectivities lines. Thus, using authors such as Michel Foucault, Gilles Deleuze, Felix Guattari and Peter Pál Pelbert, we aim to show how a context of biopolitics has become a condition of possibility for the emergence of our question.*

## Keywords

ADHD, medicalization, biopolitics

## Paula de Melo Ribeiro Universidade Federal Fluminense

Psicóloga. Doutoranda e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFF. Especialista em Psicologia Jurídica pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Docente do curso de graduação em psicologia da Universidade Estácio de Sá e Servidora pública da Fundação Municipal de Saúde de Niterói.

[paulamelo\\_psi@yahoo.com.br](mailto:paulamelo_psi@yahoo.com.br)

## Introdução

Vivemos atravessados pela tirania da velocidade. Não obstante, a sociedade contemporânea é ela própria marcada por um processo contínuo de aceleração: televisão, Internet, telefone celular, garantem à população um acesso rápido e contínuo a um grande volume de informações. Contudo, tão rápido quanto chega, esse turbilhão de informação se torna obsoleto e o indivíduo se vê mergulhado na busca incessante de novidades. Assim, as informações que circulam pelo mundo, os saberes que gerem a vida, as tecnologias, mostram-se efêmeras, ou seja, muito rapidamente são descartadas em prol de outras mais atuais. Esta aceleração, entretanto, apresenta seus paradoxos.

No cotidiano contrastam a alta velocidade de transitoriedade de novidades e a imobilidade dos indivíduos. Parece ser justamente essa aceleração do tempo que deixa o indivíduo no mesmo lugar, pois aflitas pela próxima inovação, pelo último celular, pelo novo game, pelas informações do dia, as pessoas parecem transformar seu cotidiano numa simples passagem por uma série em que os elementos não têm densidade. As pessoas, as relações, os afetos, passam pelo indivíduo numa celeridade tal que não lhe deixam marcas, mas sim um eterno sentimento de vazio. Os discursos médico disciplinares, por sua vez, fazem proliferar categorias que, antes de problematizar estas experiências, acabam por lhes conferir uma densidade naturalizante.

É no esteio de contrastes e paradoxos como estes que uma pergunta se impõe: como pode se produzir uma categoria nosológica tal qual o TDAH (Transtorno Déficit de Atenção e Hiperatividade), que patologiza o viver “hiperativo” e “desatento” numa sociedade que prioriza justamente a busca por subjetividades ditas dinâmicas ou excitadas, que vivem “plugadas” em tudo e em nada ao mesmo tempo. Modos de subjetividade estes que privilegiam a conexão contínua com tudo que se torna notícia no mundo, mas que ao mesmo tempo vivem numa imobilidade notória em que a experiência do cotidiano lhes passa despercebida.

De acordo com a Associação Brasileira do Déficit de Atenção (ABDA), o TDAH se enquadraria num quadro de transtorno neurobiológico. Sua causa seria genética e sua incidência aconteceria primordialmente na infância, sendo que em que alguns casos, o transtorno poderia acompanhar o indivíduo em sua vida adulta. Caracterizado pela combinação de sintomas tais como a desatenção, hiperatividade e impulsividade o TDAH teria incidência de 3 a 10% da população infantil (ABDA, 2016).

Diante desse quadro, diversos pesquisadores (MOYSÉS; COLLARES, 2013; CALIMAN, 2008) vêm demonstrando a importância de se discutir o problema de TDAH em nossa sociedade, uma vez que, assistimos nas últimas décadas uma banalização desse diagnóstico para infância. Tal problemática ganha relevo quando estudiosos no assunto denunciam a falta de bases biológicas e um dissenso quanto à existência da patologia ao mesmo tempo em que se verifica a proliferação desenfreada da medicalização de crianças supostamente acometidas pelo transtorno. Segundo Iriarte e Iglesias-Rios (2013) não existem exames objetivos capazes de detectar o TDAH, na falta de provas através de exames de marcadores bioquímicos, neuro-imagens ou exames genéticos resta apenas o diagnóstico através da observação do comportamento da criança.

Gordon e Keiser (1998 *apud* CALIMAN, 2008, p. 562), ao apontarem as controvérsias que permeiam o diagnóstico do TDAH, ressaltam que os principais sintomas que o determinam (desatenção, impulsividade e hiperatividade) são encontrados em grande parte da população. “Todo indivíduo é, em certa medida, um pouco desatento, impulsivo, desorga-

nizado, e nem sempre finaliza as tarefas almeçadas, especialmente quando o sujeito em questão é uma criança de 6 ou 7 anos de idade”.

Se partirmos da perspectiva segundo a qual as subjetividades são forjadas em consonância com as forças que compõem campo social, e para, além disso, se levarmos em conta a nossa pretensão de estudo de tomar o TDAH como um modo de subjetividade condizente as forças que atravessam o contemporâneo, nos sentimos impelidos a ariscar na aposta que categorias nosológicas como esta podem nos servir de analisadores<sup>1</sup> do campo social. Assim, codificações psico-médicas como o TDAH que ganharam espaço no meio médico e que caíram no senso comum teriam muito a nos dizer sobre as práticas e discursos que se atualizam na sociedade e que dão condição de existência para os atuais processos de produção de subjetividade. Nossa hipótese é que a nosologia TDAH possa dar visibilidade às forças que atravessam toda a sociedade na atualidade e que fazem de nós sujeitos contemporâneos um pouco mais ou um pouco menos hiperativos e desatentos. Dessa forma, em consonância com os estudos de Michel Foucault, pretendemos, neste breve escrito, analisar o TDAH à medida que ele se torna evidencia do controle, pelo saber médico, sobre processos singulares que se dariam em relação com o meio social e não encerrados em uma disfunção biológica.

## O TDAH e a medicalização da vida

Corriqueira, na atualidade, é a ideia de que a criança hiperativa deva ser reconhecida o mais cedo possível e, por conseguinte, levada a tratamento médico. Defende-se que não só a família, mas principalmente a escola deva ficar atenta aos primeiros sinais do TDAH. Há uma imensa difusão de informações sobre a suposta moléstia: entrevistas de “especialistas”, os sites destinados à temática, a imensa publicação de artigos e a proliferação de supostos testes, atestam a facilidade de se tornar um “expert” na identificação dos portadores do citado transtorno.

Concomitante a isso, constata-se a criação de um aparato destinado aos diagnosticados: salas especiais em escolas, tratamento psicológico e o assustador crescimento do consumo de metilfenidato, substância que reverteria os sintomas da doença, são alguns dos exemplos. Dado alarmante é o consumo de *Ritalina e Concerta*, nomes comerciais do metilfenidato. De acordo com o Conselho Nacional de Saúde, o consumo da droga da obediência, como foi batizada pela população, aumentou 775% entre os anos de 2003 e 2012 no Brasil. Apenas no ano de 2010 foram vendidas 2 milhões de caixas do medicamento, o que faz do país o segundo mercado mundial no consumo do metilfenidato (CNS, 2015).

Mais um fator pode ter influência direta nestes dados alarmantes quanto à medicação da infância e o alastramento dos diagnósticos do TDAH. É que em meados da década de 1980, a crescente mercantilização do setor saúde passou a contribuir de forma contundente para a transformação do usuário/paciente, o qual procurava tratamento médico simplesmente visando à cura de uma enfermidade, em cliente/consumidor de saúde. Neste ínterim, a indústria farmacêutica teve papel relevante, pois foi ela a financiadora de uma série de estratégias: seu foco que era voltado, principalmente, para os profissionais de saúde, responsáveis pela prescrição dos medicamentos, passou a centrar seus esforços em propagandas direcionadas aos possíveis clientes/ consumidores (IRIART; IGLESIAS-RIOS, 2013). Com a chegada da década de 1990,

Os avanços na informática e na comunicação via internet foram elementos cruciais para estabelecer um contato mais direto com usuários de serviços e produtos destinados a promover, prevenir, manter ou reabilitar a saúde. [...] Este acesso direto não implica que o profissional de saúde desaparece

## 1

O conceito de analisador foi formulado por Guattari, no contexto da Psicoterapia Institucional vindo a ser incorporado pela Análise Institucional Socioanalítica. O analisador é um dispositivo natural ou construído, que facilitaria, por sua mediação própria, a apropriação e popularização de uma análise (ARDOINO; LOURAU, 2003, p. 24).

em seu papel prescritor, mas sim que o agora cliente/consumidor vai à consulta com uma predefinição de seu problema de saúde e do potencial tratamento. O que se pode observar em uma problemática de saúde como o do TDAH [...] (IRIART; IGLESIAS-RIOS, 2013, p.24).

Embora esteja em curso uma imensa propagação diagnóstica e crescente medicalização, principalmente de crianças, assistimos na atualidade verdadeiro dissenso no que diz respeito à existência do TDAH. Ainda na década de 1970, Judith Rapaport, ao realizar estudo sobre o TDAH, nos Estados Unidos, demonstrou que os psico-estimulantes teriam o mesmo efeito quando consumidas por crianças consideradas normais e as diagnosticadas com o transtorno (IRIART IGLESIAS-RIOS, 2013). Na atualidade, mesmo partidários das causas neurobiológicas partilham da dificuldade em comprovar precisamente as causas do TDAH. Rohde e Halpern, por exemplo, assumem que embora a influência de fatores genéticos e ambientais no desenvolvimento do TDAH seja aceita na literatura, e apesar do “grande número de estudos já realizados, as causas precisas do TDAH ainda não são conhecidas” (ROHDE; HALPERN, 2004, p. 64).

Caliman e Domitrovic (2013, p. 884) contribuem com a discussão ao fazerem um primoroso estudo do documento *Consensus Development Statement on Diagnosis and Treatment of Attention Deficit Hyperactivity*, publicado pelo Instituto Nacional de Saúde Americano no ano de 1998, “no qual fica explícita a falta de consenso no meio científico a respeito do transtorno, não havendo real comprovação de sua causalidade orgânica e, mais especificamente, cerebral”; e estudos feitos pelo instituto canadense Hasting Center de pesquisa em Bioética que também apontam para o fato de especialistas discordarem no que tange ao diagnóstico e ao tratamento do TDAH. Sobre os documentos em questão afirmarão as autoras:

Ambos os documentos destacam a dificuldade de se estabelecer limites objetivos entre o TDAH, outras desordens do comportamento e o comportamento normal. Isso se dá, em grande parte, por não existirem marcadores biológicos definitivos que acusem sua ocorrência. Seu diagnóstico se faz, portanto, por meio de “investigação médica, neuropsicológica, educacional e social” (CALIMAN; DOMITROVIC, 2013<sup>2</sup>, p. 884).

É sob esta mesma perspectiva que no Brasil o Conselho Nacional de Saúde (2015), visando à prevenção da excessiva medicalização de crianças e adolescentes, recomenda o aumento de práticas não medicalizantes por profissionais e serviços de saúde. Entre as considerações anunciadas pelo órgão vale ressaltar a que assevera os questionamentos em torno da existência do diagnóstico clínico do TDAH já que o dito transtorno “não pode ser confirmado por nenhum exame laboratorial ou de imagem” (CNS, 2015, p.1).

Frente a tais dados, arriscamo-nos a questionar se através da disseminação dessa categoria nosológica estaria se atualizando uma estratégia de poder que visaria o controle contínuo daqueles capturados em sua rede. Pois, marcada por uma “patologização”, este poder incidiria sobre o próprio viver do indivíduo e não somente sobre o seu corpo.

## Biopolítica e a patologização do viver

Segundo Foucault, nos séculos XVII e XVIII assistiu-se ao aparecimento de técnicas de poder que eram essencialmente centradas na constituição de um corpo individual. Essa tecnologia de poder denominado pelo autor de poder disciplinar incidiria sobre o corpo com o objetivo de torná-lo dócil, de corrigi-lo e de reformá-lo fazendo com que esse corpo passasse a possuir

## 2

No rastro dessa polêmica, Viégas, Gomes e Oliveira (2013, p.272) consideram, como fonte pertinente, a própria bula do medicamento mais recomendado para o tratamento do TDAH. Esta afirma, literalmente, que “A etiologia específica dessa síndrome é desconhecida e não há teste diagnóstico específico’ (Ritalina, Indicações da Ritalina, p.2)”.

certas aptidões. Pretendeu-se, assim, fazer com que esse corpo fosse qualificado para que pudesse ser capaz de trabalhar e produzir (FOUCAULT, 2009).

Neste momento vê-se surgir às chamadas instituições capitalistas de sequestro, que funcionam como espaços privilegiados em que a existência dos homens é reformada e controlada. Dentre esses espaços, podem-se citar as fábricas, as prisões, os hospitais psiquiátricos, e a escola (FOUCAULT, 2009). Mais tarde, no século XIX, realizando uma segunda tomada de poder, surge a tecnologia do biopoder. Este, por sua vez, não se destina apenas a uma individualização do homem, mas seu exercício se dá em outra escala e com a construção de outros instrumentos que lhe dão suporte e auxílio.

O biopoder, diferente da técnica disciplinar, incide sobre o corpo não apenas como uma individualidade, mas sobre o próprio viver do homem. Tendo então focos distintos não suprime o poder disciplinar, pelo contrário, usa a seu favor. Foi preciso que a técnica disciplinar surgisse previamente, e que assim, fosse exercida uma primeira tomada de poder sobre o corpo através de um modo de individualização para que o biopoder pudesse surgir.

Não tendo mais como propósito criar um corpo individualizado, o biopoder dirige-se aos homens “enquanto uma massa global, afetada por processos de conjunto que são próprios da vida, que são processos como o nascimento, a morte, a produção, a doença” (FOUCAULT, 1999, p.289). Esse mecanismo de poder se direciona aos homens na medida em que estes formam uma população, ou seja, age por meio de uma massificação onde seu ponto de incidência não é apenas um corpo individual, mas um corpo tomado em seu aspecto biológico, assim o homem é reconhecido como uma espécie.

Com a entrada do biopoder em cena, acontece uma complexificação e o projeto político na contemporaneidade parece se montar a partir de uma dupla focalização: “nos corpos individualizados, docilizados para seu melhor aproveitamento pelos aparelhos de produção e na população que se torna alvo de práticas extensivas de controle” (BENEVIDES; PASSOS, 2005, p.567). A construção deste projeto político que se iniciou no século XVIII com a técnica disciplinar e que foi incrementada a partir do século XIX com a tecnologia do biopoder, permitiu que as práticas de poder fossem ampliadas no seu jogo de assujeitamento que agora incide ora sobre os indivíduos, ora sobre as populações.

Não obstante, as práticas de biopoder permitiram a criação de um mercado da saúde. O corpo parece estar constantemente à disposição das manipulações da ciência, o imperativo da vez parece ser o “biologismo”, e assim, tudo é explicado através das taxas de hormônio, da genética, da fisiologia, etc. Sant’anna em artigo publicado no livro “Imagens de Foucault e Deleuze” ao falar sobre uma nova tomada de poder sobre o corpo no contemporâneo diz o seguinte:

[...] esta nova ordem aspira não apenas a purificação biológica definitiva, pautada pela regeneração de uma raça, mas, também, a medicalização e a prevenção absolutas por meio da aceleração do processo de ‘endocolonização’ dos corpos com os produtos fabricados pela indústria biotecnológica atual (SANT’ANNA, 2002, p. 105).

Ainda de acordo com Sant’anna (2002), o terreno da limpeza social atinge, agora, não apenas uma raça ou uma classe social, mas, sobretudo, os genes, os órgãos e as células de todos os seres vivos. Assiste-se então, ao surgimento de uma mega indústria que comercializa produtos que parecem sempre funcionar como um remédio. A publicidade não cessa de anunciar alimentos que previnem doenças, superenriquecidos, cosméticos com

função terapêutica, enfim produtos que sugerem o apagamento das fronteiras entre saúde e bem-estar.

Este é um ponto de extrema importância para a discussão no que diz respeito à categoria nosológica TDAH e sua relação com o campo social e subjetivo. O biopoder ao propiciar a configuração de uma nosopolítica, ou seja, de uma nova preocupação com o tema da doença, se vê autorizado a regulamentar a forma de viver dos homens. Camuflado na justificativa de um cuidado com o bem-estar ou saúde dos humanos, as tecnologias biopolíticas incidem sobre as populações exercendo regras de controle que se estendem a todo seu viver. Dessa forma, sobre o estigma de ser hiperativa a criança identificada com TDAH passa a ter a vida regulada e regulamentada por regras que lhe são exteriores e que a desapossam de sua força de emancipação e criativa de viver.

Em consonância com Foucault, Deleuze (2013) nos apresenta a sociedade contemporânea como a sociedade de controle, nessas sociedades o poder se exerceria de forma contínua sobre os indivíduos, as instituições de sequestro espaços fechados como a escola, a prisão e os hospitais psiquiátricos que nos séculos XIX e XX marcaram o poder disciplinar estariam em crise. De acordo com o filósofo, a formação dos corpos dóceis, que se deu através do poder disciplinar, não é totalmente banida da sociedade. Mas, agora as relações de forças são marcadas por uma nova tecnologia de poder, o controle sobre os corpos se dá a partir de uma modulação contínua que acontece a todo tempo em todos os lugares.

São as sociedades de controle que estão substituindo as sociedades disciplinares. “Controle” é o nome que Burroughs propõe para designar o novo monstro, e que Foucault reconhece como nosso futuro próximo, Paul Virilio também analisa sem parar as formas ultra-rápidas de controle ao ar livre, que subsistem as antigas disciplinas que operavam na duração de um sistema fechado (DELEUZE, 2013, p.224).

Na atualidade é explícito a forma como esse poder se exerce sobre as existências tidas como hiperativas. O controle não se encerra mais, por exemplo, na instituição escola, apesar de, na maioria das vezes, serem diagnosticadas nesse espaço. Elas são controladas o tempo todo seja através de medicação que não por acaso se chama “Concerta”<sup>3</sup>, seja através do estigma que a diferencia dos demais e que, portanto, exige um tratamento específico. Com o biopoder acoplado às técnicas disciplinares, os fios que compõem a rede de captura das subjetividades parecem se estreitar e cada vez mais a captura se torna maior.

Com isso, observa-se que a atual perspectiva de governo está voltada para abundantes programas políticos que visam moldar a conduta de indivíduos e não somente subjugar-la e disciplina-la. A condução das condutas se dá através da promessa de nos tornarmos “mais inteligentes, sábios, felizes, virtuosos, saudáveis, produtivos, dóceis, empreendedores, satisfeitos, cheios de autoestima, dotados de poder, ou o que quer que seja” (ROSE, 2011, p.25).

### TDAH um modo de subjetividade contemporânea?

Em suas análises sobre o que denomina de racismo de Estado, Michel Foucault (1999) evidencia uma relação intrínseca entre a mecânica normatizante e medicalizante do fazer viver, e a face racista do deixar morrer. Como duas faces de uma mesma moeda o fazer viver e deixar morrer se atualizam nas diversas práticas, por exemplo, no campo da saúde quando uma parte da população é alvo de uma medicalização em excesso enquanto outra parcela acometida por determinadas doenças é negligenciada.

### 3

Fazemos alusão aqui ao fato do medicamento comercializado sob o nome de concerta ser empregado para o ajustamento (concerto) do comportamento de crianças e adolescentes ao meio em que vivem, principalmente ao ambiente escolar.

Com a importância da gestão calculada da vida, o Estado adquire, crescentemente, o direito de intervir para fazer viver, para majorar a vida, multiplicá-la e torná-la isenta de todo tipo de acidente, eventualidade ou deficiência. Deste modo, ele justifica sua interferência no mais elementar nível, a ele caberá administrar a existência humana com o propósito de defesa da espécie. Da mesma forma que a fábrica abre caminho para o modelo empresa, a escola também persegue este modelo de funcionamento, assim seus alunos tornam-se consumidores de ensino, empreendedores de si. Logo, a medicação será utilizada como um dos principais instrumentos de ação, as condutas disruptivas e o secular problema do fracasso escolar passaram a ser encarados como um problema médico cujo tratamento se faz por meio de uma pílula, a saber, o metilfenidato.

Passetti (2011) nos lembra de que nas sociedades marcadas pelo neoliberalismo, quando o Estado faz algum investimento no campo do bem estar social, a sua tarefa passa ser propiciar programas direcionados à preparação de supostas condições que possibilitariam à cada um educar-se para formar-se como “capital humano”. “Trata-se de uma educação para cada um, como trabalhador em busca de um emprego, que invista em si como o empreendedor de si, um ator participativo, um cidadão monitor, um consumidor com discernimento do melhor do mundo utilitarista [...]” (PASSETTI, 2011, p.49).

Foucault (2008) mostra como no neoliberalismo americano determinados valores econômicos migraram deste campo para outros domínios da vida social. Haveria uma tentativa de cifrar em termos econômicos os mais diversos comportamentos sociais anteriormente entendidos como não pertencentes a este campo. Tal disseminação ganha um forte poder normativo e passa a instituir processos e políticas de subjetivação que vêm transformando os ditos sujeitos de direitos em “empreendedores”. Daí a concepção de “capital humano” em que, estudo, alimentação, trabalho, afeto, cuidado são pensados como investimentos que agregam valor ao humano. A partir disso, percebe-se como a política de Estado é construída e atualizada no mesmo plano em que se dá a subjetivação; o que seria a biopolítica senão o acoplamento do capital no mesmo plano de imanência da vida?

A existência na sociedade contemporânea é caracterizada por um processo contínuo de aceleração e busca dessa subjetividade empreendedora. As inovações tecnológicas, as informações que proliferam por todo o mundo e os saberes que gerem a vida são rapidamente descartados em prol de descobertas mais atuais. Assim, tão rápido quanto chega, este turbilhão de novidades se torna obsoleto. O indivíduo dito empreendedor de si, perplexo, se vê mergulhado numa incessante busca pelo novo.

Ao dissertar sobre o modo de viver no contemporâneo, Pelbart (1993) apresenta algumas indicações sobre os possíveis vetores, os quais nos parecem configurar o aparecimento do TDAH. Para o autor a existência na sociedade atual é caracterizada por uma estranha equação. A sociedade atual comportaria um estranho paradoxo em que a velocidade máxima com que se percorrem as atividades cotidianas equivale a uma inércia absoluta, a uma imobilidade total.

Uma cronopolítica está em curso cujos desdobramentos ainda são desconhecidos, mas que implica necessariamente no declínio de uma profundidade de campo nas nossas atividades as mais cotidianas(...) O paradoxo é que a desmaterialização provocada pela velocidade absoluta equivale a uma inércia absoluta. Estranha equação em que coincidem velocidade máxima e imobilidade total (PELBART, 1993, p.34).

Sob o imperativo de ser dinâmico, de estar conectado ao mundo, e com o medo eminente de ser “desplugado” das redes que caracterizam as atuais relações sociais, o indivíduo se lança numa busca insaciável onde tudo o que

conquista fenece instantaneamente. Assim, as notícias que lhe interessam são aquelas transmitidas no exato momento em que os fatos se dão, senão já se torna obsoleta; os saberes que gerem sua vida devem ser constantemente atualizados, pois na mesma velocidade em que são descobertos e formalizados, são também substituídos por outros que os invalidam; as inovações tecnológicas que dispõe, já surgem com data prevista para serem descartados, etc.

Pelbart (2003), afirma que o novo capitalismo se estabelece em rede, e que assim sendo, funciona na base de projetos que enaltecem as conexões, a movência e fluidez. Ao homem, é imposto que esteja o tempo todo conectado aos fluxos de imagem, de informação, de conhecimento e de serviços que devem ser acessados constantemente.

Ainda sobre um modo de produção de subjetividade na atualidade Pelbart (2016) aponta para o que denomina de “saturação em todos os sentidos”. Para o filósofo, vivemos em meio a uma mobilização dos sentidos, seja através de estímulos visuais ou de palavras e sons, nossa atenção está o tempo todo capturada.

Com isso, a existência passa a ser caracterizada por um “estranho” paradoxo. Habitar o espaço urbano exige do homem uma total conectividade com tudo o que acontece no mundo, no entanto, essa conexão ocorre de forma peculiar, ela é imediata e efêmera. Aturdido na busca insaciável de algo que fenece instantaneamente, o homem é fixado numa inércia em que a corrida desenfreada pelo novo impele à desatenção com tudo o que o cerca. Diante de tal contexto, intrigantemente, assiste-se a criação da nosologia TDAH, e assim questionamos por que, em determinadas situações, essa forma de viver é patologizada, ainda que, disseminada na atualidade.

De acordo com Lazzarato (2010, p.170) o capitalismo exerce um duplo cinismo: “cinismo “humanista” de nos atribuir uma individualidade e papéis pré-estabelecidos”, que no neoliberalismo assume o caráter de “capital humano” ou “empresário de si”; e um “cinismo “desumanizante” de nos incluir em um agenciamento que não distingue mais humano e não humano, sujeito e objeto, as palavras e as coisas”. Tomando como fundamento a obra de Deleuze e Guattari, Lazzarato tece uma discussão em que assevera que no capitalismo contemporâneo, todo processo de produção operaria na intersecção de dois dispositivos de poder heterogêneos e simultâneos: servidão maquínica e a sujeição social. Para Lazzarato (2014, p. 18), “é no ponto de intersecção entre eles que a produção de subjetividade se dá”.

A sujeição social seria o processo de equipagem do ser humano com uma subjetividade individual, ela lhe atribuiria uma identidade. É nela que se dá a produção do sujeito individuado, que no neoliberalismo assume o caráter de “capital humano” e “empresário de si” (LAZZARATO, 2014, p. 27). Já na servidão maquínica, os sujeitos individuados são desmontados, despidos de suas singularidades, passam a ser concebidos como peças de uma grande engrenagem que os excede, um componente do sistema. A servidão maquínica “ativaria a dimensão molecular, pré-individual, pré-verbal, pré-social do homem”, já a sujeição social “se dirigiria à dimensão molar, individuada, da subjetividade” (LAZZARATO, 2008, p. 114).

Nesta perspectiva no neoliberalismo não há a separação da produção de subjetividade da produção econômica ou política. A subjetividade ocupa uma posição central no funcionamento do capitalismo. No núcleo do projeto político capitalista está a articulação de fluxos econômicos, tecnológicos e sociais com a produção de subjetividade o que culmina na figura do “capital humano” ou “empreendedor de si”. É então a partir de agenciamentos maquínicos como empresa, economia, mídia que se poderá pensar a subjetivação (LAZZARATO, 2014).

Os equipamentos capitalísticos organizam-se tal qual uma rede maquina tentacular que penetra em todos os níveis da vida. Dessa forma, temos uma modulação da força de trabalho onde a produção não concerne apenas aos trabalhadores, a interpenetração desses mecanismos nos afetos faz de desempregados, crianças e idosos também produtores. A educação das crianças é um ótimo exemplo, pois, “desde o seu nascimento, através da família, da televisão, da creche, dos serviços sociais, é “posta para trabalhar” e se engaja num processo complexo de formação, ao termo do qual seus diversos modos de semiotização deverão estar adaptados as funções produtivas e sociais que a esperam” (GUATTARI, 1987, p.203).

## Considerações finais

Diante do exposto, concluímos que o TDAH junto aos sentidos que carrega é uma produção social cuja autoria não pode ser atribuída a uma pessoa em particular. Esta forma de “subjetividade hiperativa e desatenta” não se dá na relação do indivíduo com ele próprio, nem está contida simplesmente em sua biologia, entende-se que essa forma de existir se constitui na sua relação com o contexto do qual faz parte.

Haveria uma coextensividade entre a produção desejante e a produção social. “Na verdade, a produção social é unicamente a própria produção desejante em condições determinadas. Dizemos que o campo social é imediatamente percorrido pelo desejo, que ele é seu produto historicamente determinado [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 1976, p.46). Dizer que a economia do desejo e a economia social são uma só produção traz inúmeras consequências. Interessa-nos em especial o efeito que essa afirmação provoca na clássica dicotomia que tem como independente o homem e a sociedade. Com a subversão deste dualismo, passa a se conceber a constituição do socius e do homem como um processo em que sujeito e mundo são produzidos ao mesmo tempo e num mesmo plano.

Homem e sociedade se constituem nos encontros, não há um produto nem um produtor *a priori*, há apenas processo de produção num plano de variação contínua em que as relações são produzidas por conexões. Não havendo o primado do homem nem do objeto resta à relação se colocar como primeira, ou seja, o homem só pode ser pensado na sua relação com o mundo (sociedade) e vice versa.

[...] homem e natureza não são como dois termos, um face ao outro, mesmo tomados numa relação de causação, de compreensão ou de expressão (causa-efeito, sujeito-objeto, etc.), mas uma só e mesma realidade essencial do produtor e do produto (DELEUZE; GUATTARI, 1976, p.19).

A produção de subjetividade ou produção de modos de viver e experimentar o cotidiano se dá dentro de um campo de forças que marca toda a sociedade. Pensar o indivíduo implica necessariamente pensar as relações de forças que configuram cada período histórico, econômico e social. Falar em modos de produção de subjetividades corresponde não só a modos de criação de si, mas também de construção de toda realidade, ou seja, criação de mundo.

O processo de subjetivação não está pautado, deste modo, em nenhuma essência ou natureza ele se dá na relação com a cidade, as instituições, com os meios de comunicação, com a política de Estado, com a violência, etc. É então, num movimento que não se limita a individualidade de um homem, mas que atravessa toda experiência coletiva, que se cria as características que configuram o TDAH e seus sentidos. “As subjetividades são forjadas a cada momento da história, conforme certas conjugações de forças e não se

situam apenas no campo individual, seu campo é o de todos os processos de produção social e material” (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 12).

Entendemos, portanto, que a propagação do diagnóstico do TDAH na atualidade é um acontecimento forjado em consonância com as forças que se atualizam no *socius*. Apesar de massivamente sermos levados a acreditar que os sinais que identificam o citado transtorno são pertencentes à natureza de um corpo em especial e que o sofrimento vivenciado é inevitável e pessoal, arriscamos pontuar ser este um analisador das relações sociais empreendida na atualidade que transcendem a experiência individual. Vetores como patologização do viver e medicalização da vida, bem como a busca por sujeitos empreendedores num mundo regido pela lógica da aceleração e efemeridade dos encontros apontam para uma subjetividade marcada pela hiperatividade e desatenção.

A forma como as relações sociais são organizadas, a rotina imposta, enfim, o que produz o TDAH parece não estar sendo posta em análise na massificação dos diagnósticos da suposta doença. Longe de negar o sofrimento de alguns sujeitos frente às imposições de nosso tempo, pretendemos chamar atenção para o que esse sofrimento aponta. Dessa forma, acreditamos que a difusão dos diagnósticos do citado transtorno tal qual a atribuição da suposta patologia a uma base biológica cujo tratamento se encerra simplesmente numa medicação gera uma falsa sensação de alívio, pois credita a fatores meramente biológicos aspectos da vida em sociedade. Junto a Moysés e Collares (2013) concluímos que longe de desqualificar os sofrimentos autênticos e suas causas, este artigo tenta apontar para o perigoso processo que desloca para o campo médico questões de ordem social e política.

## Sobre o artigo

**Recebido:** 12/05/2017

**Aceito:** 15/06/2017

## Referências bibliográficas

ABDA (Associação Brasileira do Déficit de Atenção). **O que é o TDAH**. Disponível em: <http://www.tdah.org.br/br/sobre-tdah/o-que-e-otdah.html>. Acesso em: 20 de julho de 2016.

ARDOINO, J.; LOURAU, R. **As Pedagogias Institucionais**. São Carlos: Rima, 2003.

BENEVIDES, R; PASSOS, E. **A humanização como dimensão pública das políticas de saúde**. *Ciência e saúde coletiva*. v. 10, n.3, p.561-571, 2005.

CALIMAN, L. V. O TDAH: entre as funções, disfunções e otimização da atenção. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 3, p. 559-566, 2008.

CALIMAN, L. V.; DOMITROVIC, N. Uma análise da dispensa pública do metilfenidato no Brasil: o caso do Espírito Santo. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 23, n. 3, p. 879-902, 2013.

CNS (CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE). **Recomendação Número 019, de 08 de outubro de 2015**.

DELEUZE, G. Post-scriptum: sobre as sociedades de controle. In: DELEUZE, G. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 2013, p. 223-230.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FOUCAULT, M. Aula de 17 de março de 1976. In: FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade: curso dado no Collège de France (1975-1976)**. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 285-315.

FOUCAULT, M. **O nascimento da Biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979)**. São Paulo: Martins Fontes 2008.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2009.

GUATTARI, F. **Revolução molecular. pulsações políticas do desejo**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica - cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1986.

IRIART, C.; IGLESIAS-RIOS, L. La (re)creación del consumidor de salud y la biomedicalización de la infancia. In: COLLARES, C. A. L.; MOYSÉS, M. A. A.; RIBEIRO, M. C. F. (Orgs.). **Novas capturas, antigos diagnósticos na era dos transtornos**. Campinas: Mercado de Letras, 2013, p.21-40.

LAZZARATO. M. **Signos, máquinas, subjetividades**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo/ N-1 edições, 2014.

LAZZARATO. M. Sujeição e servidão no capitalismo contemporâneo. **Cadernos de Subjetividade**. NEPS-PUC-SP, v.12, n.1, p. 168-179, 2010.

LAZZARATO. M. Posfácio. In: REUNIG, G. **Mil Máquinas: breve filosofia de las máquinas como movimiento social**. Madrid: Traficante de Sueños, 2008, p.109-118.

MOYSÉS, M. A. A.; COLLARES, C. A. L. Medicalização: o obscurantismo reinventado. In: COLLARES, C. A. L.; MOYSÉS, M. A. A.; RIBEIRO, M. C. F. (Orgs.). **Novas capturas, antigos diagnósticos na era dos transtornos**. Campinas: Mercado de Letras, 2013, p. 41-64.

PASSETTI, E. Governamentalidade e violências. **Revista Currículo sem Fronteiras**, v.11, n.1, p.42-53, 2011.

PELBART, P. P. A nau do tempo-rei. In. PELBART, P. P. **A nau do tempo-rei: sete ensaios sobre o tempo da loucura**. São Paulo: Imago, 1993, p. 29-46.

PELBART, P. P. **Vida capital: ensaios de biopolítica**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

PELBART, P. P. **Tudo é feito para conexão absoluta, a mais saturada possível**. Disponível em: <http://www.revistacontinente.com.br/especial/19362-tudo-%C3%A9-feito-para-conex%C3%A3o-absoluta,-a-mais-saturada-poss%C3%ADvel.html>. Acesso em: 20 de julho de 2016.

ROSE, N. **Inventando nossos selfs: psicologia, poder e subjetividade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

SANT'ANNA, D. B. Transformações do corpo: controle de si e uso dos prazeres. In: RAGO, M.; ORLANDI, L.B.L.; VEIGA-NETO, A. (orgs.). **Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzschianas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 99-110.

ROHDE, L. A.; HALPERN, R. Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade: atualização. **Jornal de Pediatria**, v. 80, n. 2, p. 61-70, 2004.

VIÉGAS, L. S.; GOMES, J.; OLIVEIRA, A.R. F. Os Equívocos do Artigo “Os Equívocos e Acertos da Campanha ‘Não à Medicalização da Vida’”. **Revista Psicologia em Pesquisa (UFJF)**, v. 7, n. 2, p. 266- 276, 2013.